

**ELE FOI CONCEBIDO PARA SER IMPENETRÁVEL.  
SERÁ ELA CAPAZ DE O VERGAR?**

# **À PROVA DE BOLA**

**K.M. MORONOVA**

**TOP  
SEL  
LER**

*Dedicado àqueles que seriam capazes de ponderar escolher  
o caminho das trevas em vez do caminho da luz.*

# PLAYLIST

«Super Bass», Nicki Minaj

«Thunderclouds (Lost  
Frequencies Remix)», LSD  
feat. Sia, Diplo e Labrinth

«Never Forget You (Price & Takis  
Remix )», Zara Larsson

«Titanium», David Guetta  
feat. Sia

«Perfectly Wrong», Shawn  
Mendes

«Orpheus», mgk

«Automatic», The Lumineers

«Poison», David Kushner

«Softcore», The Neighbourhood

«Dancing After Death», Matt  
Maeson

«Innocence», Nathan Wagner

«Love Is Going to Kill Us», David  
Kushner

# AVISO DE CONTEÚDO

Este livro destina-se a um público adulto. O personagem principal masculino é um intimidador e chama nomes depreciativos à personagem principal feminina.

Linguagem explícita, violência gráfica, intimidação, automutilação, personagens afetadas por doença mental (pensamentos explícitos sobre doenças mentais e baixa autoestima), ideação suicida, experiências em seres humanos, violência doméstica, tentativa de homicídio, homicídio, operações militares (armas, violência, missões), ideação do mercado negro (submundo), personagens profundamente maculadas que se dedicam a pensamentos sombrios sobre a vida e a morte que podem ser perturbadores para alguns leitores.

Este livro contém descrições acerca de alterar cicatrizes (automutilação). Não faça isso em casa.

Bane Falls não é uma vila real do Montana, mas uma localidade fictícia.

# PRÓLOGO

## ROMAN

Fico calado um instante.

Uma promessa pode assemelhar-se a muitas coisas.

Pode ser algo simples, como um emprego ou uma recompensa, mas uma promessa do general das Dark Forces assemelha-se bastante a liberdade. Uma carta que devolverá os nossos corações malignos a um caminho que conduz a uma nova vida normal.

Mas tem de haver um senão, não é verdade? Porque nada é normal depois do tempo que passamos nas Dark Forces.

— Estou a ficar demasiado velho para que estes jogos continuem a arrastar-se desta maneira. Quero que os guardiões do centro do submundo em Bane Falls sejam vigiados de perto durante um ano. São a organização «lá de cima» a que chamam Sub-Rosa, e quero que se infiltrem cuidadosamente nessa vila corrupta. Façam amizade com os contactos e conquistem a sua confiança. Darei mais instruções à medida que o tempo for passando.

O general Nolan dá lentamente a volta à sua secretária e organiza os seus documentos numa pasta de papel pardo antes de erguer os olhos escuros para mim. Tem o olhar de um demónio.

— Demorei dez anos a conseguir a aprovação para a criação de um esquadrão de teste como o Icarus — continua. — Você e a

equipa que lhe foi atribuída terão liberdade para andar pela vila e estabelecer um perímetro em volta dela. Terá um gosto da liberdade por que anseia, Syxx. Pode ser que um dia a consiga, se provar o seu valor nesta missão. Ou é possível que veja como é feia a realidade lá fora e perceba, finalmente, o lugar do seu coração negro.

Observo cuidadosamente o general. Hoje tem o cabelo grisalho desalinhado, o que significa que é provável que tenha recebido notícias merdosas relativamente a outro esquadrão ter feito asneira numa missão.

Sei que não devo fazer perguntas sobre o que se passa acima da minha patente. Mas porque é que ele está a tentar formar o esquadrão Icarus precisamente agora? Sou tenente das Dark Forces apenas há dois anos, e antes disso servi apenas dois anos na qualidade de sargento. Quando ele pensou na possibilidade de um esquadrão de teste pela primeira vez, disse-me que eu precisaria de ter pelo menos cinco anos numa posição de comando.

Algo o fez apressar-se.

O que terá sido?

Fixo os olhos nele e bebo um longo gole do bourbon que me serviu.

— Sabe, não gosto de experiências, Nolan. Ou faço isto e termino a minha campanha nas Dark Forces, ou não o farei de todo — observo sem entoação. O porquê de ele achar que quero permanecer aqui eternamente é algo que me ultrapassa.

E também estou cansado que me farto. Estamos todos.

O general Nolan olha para mim com ar de indiferença, com um olhar que observei e repliquei nas minhas expressões, porque, se ele está no comando, quero fazer o mesmo que ele. Se tenho de estar aqui em baixo, que seja no comando de subalternos. Ele chegou ao topo de alguma forma. Aposto que foi graças às suas mentiras perfeitas, pequenas gotas de veneno que espalha por todo o lado para cumprir o seu grande desígnio.

Mentiras que instilam esperança nos fracos.

Mas as mentiras não servem de nada. As tropas acabarão por morrer de fome e não restará ninguém a quem mentir.

— Calculei que diria isso — responde o general, rindo entre dentes e pegando na pistola que traz à cintura. Alinha-a com a minha testa e avança para mim até o metal me queimar a pele.

— Não me pode aliciar com a morte, meu general. Sabe que assim é — observo com um sorriso, fechando os olhos e sorvendo mais um gole descuidado de bourbon. — *O mais certo é que nem me matasse*, penso para comigo, com uma risada.

O Nolan permanece calado por instantes antes de soltar uma gargalhada e recolher a arma.

— Nem sequer estremece. Nunca estremeceu — observa, e eu olho-o com aborrecimento. — Sendo assim, será possível tentá-lo com veículos e habitação da sua escolha?

Arregalo os olhos e passo a língua sobre o amargo que o álcool me deixou atrás dos dentes.

— Isso é que é falar, general — respondo, estendendo a mão para apertar a dele.

— Pode haver vítimas inocentes pelo caminho. Quem não fizer parte da missão e se aproximar demasiado, ou que suspeite de algo, será eliminado. Esta missão tem de ser bem-sucedida. Não me interessa como a leva a cabo, tenente, apenas a quero cumprida. Entendeu?

Ah, então foi por isso que me escolheu.

Sabe que tenho tendência para me estar borrifando para estranhos que se achessem no nosso caminho.

Mesmo que sejam bonitas.

# CAPÍTULO 1

## BRIAR

O meu ombro ainda arde onde o Callum me empalou com a faca. Há três meses que lhe fujo. Noventa dias desde que a minha vida voltou a transformar-se numa tragédia, só que desta vez caí num buraco de que não consigo sair. A menos que consiga escapar ao meu passado.

Graças a Deus, o advogado do património do meu tio afastado ligou-me na hora certa. O ponto alto do meu verão miserável foi saber que o meu último familiar de sangue morreu.

Pronto, não estou a dizer que estou feliz com isto, mas é possível que me tenha salvado a vida.

Idealmente, preferia estar noutro país. Preciso de me afastar o mais possível de Seattle, e uma vila no Montana não vai servir esse propósito durante muito tempo. Embora seja possível que se trate do lugar perfeito para me esconder durante o final do verão e o outono, enquanto junto dinheiro.

Quem é que presta atenção às localidades pequenas, afinal de contas? Duvido que tenham registos precisos seja do que for. *O Callum não me vai encontrar aqui.*

Fixo os olhos semicerrados na placa velha e gasta que diz «Herdade Thornton» e deixo escapar um suspiro. Já devem ser

quase onze da noite, chove a cântaros lá fora e acabei de passar as últimas duas horas perdida nesta vila esquecida por Deus. Não há rede de telemóvel aqui e está um escuro de breu no exterior. Todas as estradas e milharais são iguais. Nunca pensei que acabaria no coração de uma vila agrícola, mas às vezes a vida leva-nos a lugares estranhos.

Os meus dedos tamborilam no volante. Se não fosse o medo que tenho de que o Callum descubra que ainda estou viva, nunca teria concordado com isto. Sei que é um medo irracional, mas o que diz aquele ditado sobre o mundo ser pequeno e a Lei de Murphy? Se algo pode correr mal, certamente correrá. E o facto de o trabalho dele ser invadir sistemas de segurança e de vigilância não ajuda em nada. Nunca soube exatamente o que ele faz, mas sabia que implicava encontrar pessoas.

Sou uma rapariga da cidade, sempre fui e sempre serei. Na verdade, nunca pus o pé fora de Seattle. Porque haveria de o fazer, quando a cidade tem tudo o que uma rapariga precisa? Nunca me passou pela cabeça a ideia de viver no campo durante muito tempo, mas algo bem no fundo do meu peito sente um certo conforto com a mudança de ambiente.

Mas eu tenho um plano: vender o máximo de merdas que conseguir. Arranjar dinheiro para um bilhete de avião. Partir sem nunca olhar para trás. E não terei de viver com o medo de dar de caras com o Callum.

Ninguém dará pelo meu desaparecimento... porque já não resta ninguém que o possa fazer.

Uma vozinha na minha cabeça insiste em dizer-me que vale a pena correr o risco de ficar no mesmo lugar pelo menos um mês ou dois, mas duvido que encontre alguma coisa de grande valor entre as coisas do meu tio. Toda a propriedade está em ruínas, ou pelo menos é o que me parece no escuro.

O advogado foi bem claro: é preciso limpar toda a propriedade antes de a poder vender. A minha esperança era de que isso se fizesse em poucos meses, mas, pelo que a escuridão me permite

ver, pode demorar muito mais do que inicialmente pensei. Solto um gemido e levo a palma da mão à testa.

Segundo as notas do advogado, não parecia haver animais, apenas culturas, o que é o raio de uma bênção. Tanto quanto sei, há um trabalhar agrícola que ajudava o meu tio a gerir a propriedade, pelo que lhe vou pedir que me ajude o mais possível. Espero que aceite livranças, porque não tenho como lhe pagar a mão de obra até vender este lugar.

A minha carranca aumenta à medida que avanço pelo acesso à propriedade. Os postes de madeira da vedação começam a ceder por causa da podridão, a estrada de terra batida foi tomada de assalto por plantas e ervas daninhas, e a casa no final do caminho pode estar literalmente assombrada. A tinta descascada e o revestimento deformado conferem-lhe um aspeto sinistro que parece gritar-me que fuja. As tábuas cinzentas e gastas do alpendre também não lhe acrescentam qualquer charme.

É aqui que vou ficar encurralada no futuro mais próximo? Solto um gemido e aperto os lábios.

Estou capaz de bater em mim mesma por ser tão ingénua. Porque é que acreditei, mesmo por um instante, que o meu tio podia ser secretamente rico? Uma herdade não deve demorar muito tempo a consertar. Que raio andou ele a fazer o tempo todo? O que será que ele plantava?

*Não importa.* Suspiro de frustração. Já aqui estou e não posso alterar isso. Não tenho mais para onde ir e não posso continuar a dormir no meu carro ou em motéis. O meu dinheiro já não é muito. Pelo menos é um lugar onde posso ficar sem ter de pagar. Tecnicamente, agora pertence-me. Franzo o nariz perante essa ideia. Nunca tive realmente um lar, e esta herdade não será diferente.

O que é aquilo?

Avisto as luzes vermelhas traseiras de outro veículo quando me aproximo mais da casa. Arqueio as sobrancelhas e sinto o estômago às voltas de incerteza. Porque é que está aqui um carro,

no meio de porra nenhuma, a esta hora da noite? O acesso à casa é tão comprido que só consegui ver as luzes quando estava quase a chegar ao fim.

Tranco as portas do meu *Jeep* e abrando até a viatura quase se arrastar quando entro na zona de estacionamento diante do alpendre da frente.

Que sorte a minha... Será que a pessoa está de guarda à casa do meu tio?

O Dr. Holland, o advogado do património do tio Thornton, avisou-me para a possibilidade de haver algum interesse por parte dos habitantes da vila, uma vez que se trata de uma comunidade muito pequena, mas imaginei que, sendo realmente tão curiosos, viriam durante o dia e não a estas horas da noite.

O veículo é um *Mercedes-Benz* de vidros fumados e ainda está a trabalhar. Não tenho como saber se a pessoa já saiu do carro e anda a bisbilhotar a casa, ou se ainda está sentada no lugar do condutor. Contorno lentamente o *Mercedes*, relutante perante a possibilidade de parar e me pôr em perigo. Já assisti a suficientes documentários sobre crimes reais para não ter qualquer vontade de ser morta por confrontar esta pessoa, seja ela quem for.

Tiro o telemóvel do bolso e verifico se tenho rede. Não tenho grandes esperanças, uma vez que a perdi há horas. Quem diria que teria de me preocupar com zonas sem cobertura de rede nos dias que correm? Estou completamente fora do meu elemento.

O símbolo da bateria do meu telemóvel está vermelho, uma vez que tem estado sempre à procura de sinal. *Não tenho sinal. Fantástico, nem sequer consigo ligar para a polícia local.* Que maravilha. E agora?

O SUV preto é sinistro, ali parado como se alguém estivesse a olhar para mim do seu interior. Penso em correr para a porta da frente, mas parece-me uma péssima ideia por vários motivos.

Sei que vi um restaurante alguns quilómetros atrás, e parecia estar aberto. Talvez devesse ir até lá e tomar um pequeno-almoço

noturno enquanto espero que o carro se vá embora. Devem ter um telefone público que eu possa usar para ligar para a polícia, se continuar sem sinal no meu telemóvel.

Isto é, admitindo que este vilarejo tem uma esquadra de polícia. A herdade do tio Thornton deve ficar bastante distante da comunidade, porque tudo o que vi até agora foram o restaurante e terras agrícolas. As poucas luzes que se avistam ao longe são reconfortantes, ainda assim. Deve haver por ali uma qualquer espécie de civilização.

O condutor liga os máximos quando contorno o *Benz*, e eu sinto o meu coração afundar-se no peito. *Caraças, está mesmo alguém a observar-me ali de dentro da viatura.* Considero isso um aviso por parte da pessoa e carrego no acelerador, descendo o caminho de acesso à propriedade a toda a velocidade.

Sustenho a respiração algumas vezes depois de sair do comprido acesso, enquanto faço curvas incertas em estradas que parecem todas idênticas. Depois solto um suspiro de alívio quando encontro o restaurante, percorridos vários quilómetros. Um pequeno sorriso nervoso curva-me os lábios ao passar por baixo da placa que o anuncia. Graças a Deus, é um daqueles espaços que estão abertos vinte e quatro horas, o que é um pouco surpreendente numa vila tão pequena, mas não me importo.

Não estou em condições de questionar as graças que me sejam concedidas.

Ainda estou nervosa por causa da quinta e do carro lá parado quando estaciono. Olho rapidamente em redor do meu carro para me certificar de que o *Benz* não me seguiu. Saio do carro e entro no restaurante.

Vejo bancos corridos vazios forrados de vermelho brilhante e bancos redondos com pernas de ferro junto ao balcão. As minhas chaves tilintam quando me sento ao balcão.

Restaurantes vazios à noite, como este, costumavam assustar-me muito, mas já passei por tanto que é preciso muito para me abalar. Não é, certamente, um restaurante tranquilo.

*A pessoa que estava a avaliar a quinta vai perceber rapidamente que se trata de um pardieiro e há de ir-se embora, digo a mim mesma.*

— Está aí alguém? — pergunto delicadamente à espera de ser ouvida por algum empregado, uma vez que ainda ninguém veio ao meu encontro. Pego no telemóvel para perceber se têm *wi-fi* aqui dentro, uma vez que poderei fazer telefonemas se estiver ligada à Internet.

Que porcaria. Claro que não têm.

Uma empregada de mesa vestida com uma farpela de *snack-bar* dos anos noventa sai pela porta de batente. Pousa uma caneca vazia em cima do balcão e pega num bule de café. Não me pergunta se quero, mas levanta a sobrancelha, numa indicação de que está a oferecer.

As minhas pernas tremem ansiosamente enquanto a observo. Não parece ser do tipo amigável, julgando pelo sobrolho franzido e pelos olhos semicerrados que me estudam tão atentamente como eu a estudo. Tenho de admitir que é uma morena linda. Se não fosse tão tarde e não estivesse tão cansada, é possível que tentasse meter conversa com ela. Quem sabe noutra noite.

— Têm um telefone que eu possa usar? — pergunto, indicando a caneca com um gesto de cabeça para que a encha de café.

Ela não responde de imediato, mastigando a pastilha que tem na boca e olhando para mim com uma expressão de desinteresse.

— Sim, temos — murmura lentamente enquanto enche a caneca com café simples. Fico um pouco na expectativa de que me pergunte se quero natas, mas ela volta-me as costas antes que eu possa perguntar.

*Que agradável.*

Desço do banco alto e olho em volta à procura do telefone. O restaurante é maior do que eu esperava. Tem uma secção inteira que contorna a lateral. Assim que chego ao outro lado, ouço risos que ecoam pelo edifício enquanto um grupo de pessoas entra pela porta da frente.

Afinal, há pessoas que vivem nesta vila. O som das pessoas a falar acalma-me um pouco os nervos. É estranho, mas este lugar transmite-me uma má sensação. Como quando entramos num edifício e sentimos todos os olhares fixos em nós. É essa a sensação que esta vila me transmite. Sinto-me como se estivesse a ser observada. Um arrepio percorre-me a espinha.

Anoto mentalmente que não posso ver filmes de terror num futuro próximo, apesar de serem os meus preferidos.

Continuo a procurar o telefone e encontro-o ao fundo do restaurante. Um trecho de azulejos pretos e brancos conduz a uma cabina telefónica vermelha antiga. Quase me sinto como se tivesse voltado atrás no tempo. Estes restaurantes antigos sempre foram os meus preferidos por esse motivo. Têm muito charme. O meu pai costumava levar-me quando era mais nova, e pedíamos panquecas de todas as vezes que o fazíamos. Sorrio para comigo ao recordar essa memória quase vaga.

Tenho saudades dele. Pergunto-me o que pensaria se me pudesse ver agora. Virar a minha vida de pernas para o ar aos 25 anos por causa de um ex-namorado idiota e correr para a primeira opção de fuga que apareceu... Não era o que planeava para a minha vida, mas nunca tive grandes opções. O meu pai morreu quando eu tinha 8 anos, e minha mãe quando fiz 13. Não me consigo lembrar da sua aparência, ou mesmo de onde passei a minha infância. Restam-me apenas as memórias calorosas e reconfortantes de quando ainda estavam vivos.

A minha família está fadada a morrer. É um destino que se vem desenrolando aos poucos. Talvez seja por isso que nunca tentei fazer nada de mim, do mesmo modo que não procurei seguir as minhas paixões. Sempre tive a impressão de que a morte me viria buscar a seguir.

E assim foi. O Callum tratou disso, e agora tenho graves problemas de confiança.

O meu antigo terapeuta disse que eu devia tentar ver o lado positivo em vez de olhar para todas as coisas más na minha vida.

Ele vestia sempre um fato preto impecável e tamborilava com os dedos na mesa. *Pelo menos, não estou morta*. Sorriu sombriamente para comigo.

Pego no auscultador do telefone e marco o número da polícia. O telefone toca uma vez antes de ir direto para o atendedor de chamadas.

— Só pode ser brincadeira — protesto, pousando o auscultador com mais força do que era necessário.

Claro que esta vila não tem um serviço de polícia a tempo inteiro, mas tem um restaurante que está aberto vinte e quatro horas por dia, o que faz *todo* o sentido. Acho que a minha única opção é esperar que o carro se vá embora antes de voltar. Vejo as horas no telemóvel. *Meia-noite*. Talvez mais algumas horas sejam o bastante. Posso bebericar café e comer durante esse tempo.

A viagem de dez horas para aqui chegar tirou-me todas as energias. A última coisa que me apetece fazer é acampar neste restaurante e esperar, mas não encontro outra opção de momento.

Passo pela casa de banho para me refrescar. Depois de lavar as mãos, olho para o espelho com relutância. O meu cabelo, em tons que vão do castanho-acinzentado junto à raiz até ao louro nas pontas, está todo emaranhado, e tenho olheiras profundas.

Dormir não custaria assim tanto se não tivesse pesadelos com o que o Callum fez naquela noite. Fecho os olhos e aperto as mãos junto ao corpo. *Não*. Se alguém é capaz de escapar a essa lembrança, sou eu. *Eu consigo*. Firmo a minha determinação e olho de novo para o espelho, refazendo o meu rabo de cavalo e atando os cordões do meu capuz para que não pareça tão desleixado. Não preciso de mais olhares de reprovação do raio da empregada.

Volto para a zona principal do restaurante e avisto quatro homens sentados numa mesa de canto. São barulhentos e irrequietenos, dando a sensação de que podem ser um gangue de *motards*. Estão vestidos de preto dos pés à cabeça, com casacos desportivos elegantes, calças de ganga e botas de combate. Todos têm um físico musculado e a palavra «problemas» estampada na

testa. Pela forma como se vestem e relaxam, diria que são apenas meia dúzia de anos mais velhos do que eu, no máximo.

Desvio rapidamente o olhar, antes que me interesse demasiado por eles. A última coisa de que preciso é de estabelecer contacto visual com um deles e ter o meu tempo aqui preenchido com qualquer que seja o drama que certamente representam. Tipos como eles são sempre sinónimo de problemas. E se há coisa de que não preciso é de rapazes com problemas na bagagem. Parece que essa é a minha fraqueza.

Dirijo-me para o balcão para tomar a minha caneca de café, mas, no preciso momento em que me sento, um deles grita na minha direção:

— Olá, beleza!

Fico com as faces vermelhas, mas não olho na direção deles. Ignorar idiotas excitados costuma ser a melhor maneira de evitar que nos assediem.

*Despacha-te, empregada. Volta, para que eu possa pedir comida, naturalmente para levar, para que possa voltar para o meu carro e comer descansada.* A minha perna recomeça a tremer.

Fecho os olhos e bebo um gole do café preto e quente. Dizer que o engoli à pressa seria um eufemismo. É tão amargo que me provoca uma careta.

Quando dou por isso, um braço envolve-me os ombros, e sou atingida pelo cheiro a cerveja barata. Sinto um arrepio subir-me a espinha e cerro instintivamente os punhos sobre o balcão. Quem raio se aproxima de uma desconhecida para lhe tocar desta forma?

— Não me ouviste? — pergunta uma voz dengosa num murmúrio junto ao meu ouvido.

Estremeço sob o seu toque e encolho-me interiormente.

— Oh, não, lamento, não ouvi. Posso ajudar-te? — minto docemente. É melhor deixá-los pensar que sou uma menina delicada que se perdeu. É sempre melhor. E depois ninguém dá pela chegada da navalha que tenho na bolsa.

O homem dá uma risada e solta-me o ombro. Aproveito o momento para me virar no assento e olhar para ele. Quem me dera não o ter feito. Devia ter-lhe dado uma bofetada de imediato.

Ele é estupidamente sensual: alto, musculoso e com um sorriso encantador que é uma garantia de que destróçou demasiados corações. Tem o cabelo castanho-avelã penteado para o lado, o que lhe confere uma aparência elegante.

— Estás sozinha? Porque não vens sentar-te connosco?

— Oh, não, eu estou bem — respondo, batendo ansiosamente com os dedos no balcão. — Vim buscar comida para levar.

Ele fixa o olhar na minha mão e o seu sorriso alarga-se de divertimento.

— Eles não servem comida para fora — observa ele, olhando-me de cima a baixo com um pouco mais de interesse. — És nova aqui?

*Porra, claro que não servem comida para fora.*

— Vá lá, nós não mordemos — continua, ligando o charme. Olho para o grupo dos amigos dele e vejo que estão todos a observar-nos. Dois deles sorriem e o outro franze a testa com o que me parece ser aborrecimento.

Acho que seria bastante estranho ficar aqui a comer depois de ele ter vindo ter comigo. Além disso, são todos muito bonitos. Com a merda de dia que tenho tido, bem posso ter uma distração.

— Está bem — suspiro de resignação. A expressão dele anima-se de imediato.

Sinceramente, o que é o pior que pode acontecer? São apenas uns tipos bem-parecidos. *Maus tipos*, parece-me, mas não deixam de ser atraentes. Talvez consiga obter alguma informação útil sobre esta vila e o que há para fazer por aqui. É garantido que vou precisar de algo com que matar o tempo além de limpar a herdade.

Pego na minha caneca de café e dirijo-me para a mesa deles. Ele passa o braço pelo fundo das minhas costas e conduz-me para onde estava sentado.

Dirijo-lhe um sorriso constrangido e sento-me. Os homens estão descontraidamente sentados nos seus lugares, sem grande preocupação com a minha presença, mas demonstram um ligeiro interesse no olhar. O homem ao meu lado tem o braço apoiado nas costas do banco. Não tenho alternativa além de me aproximar dele o mais possível, já que aquele que me convidou para vir aqui se senta ao meu lado, encurralando-me.

*Bem, o mais certo é isto ter sido um erro.*

— O que faz uma bonequinha como tu aqui a meio da noite? — pergunta o homem à minha frente. É um pouco mais alto do que os restantes, e tem tatuagens que lhe sobem o pescoço até à linha do maxilar. Céus, sempre tive uma queda por homens tatuados. Eles suportam a dor, e há em mim algo estragado que gosta realmente disso.

*Bonequinha? Já me chamaram pior.*

Considero a possibilidade de mentir e de lhes dizer que estou aqui apenas para me divertir ou para passar tempo com a minha família, mas será uma mentira difícil de manter se os vier a encontrar depois. Não tenho jogo de cintura para tal neste momento.

— Estava um caro parado na casa onde eu devia ficar. Não estava com vontade de ser morta à machadada, pelo que me vim embora — respondo. — Não tenho rede de telemóvel aqui, por isso vim a este restaurante na esperança de encontrar um telefone público. — O som das minhas palavras desvanece-se enquanto penso em como é estúpido que a esquadra de polícia esteja fechada neste momento.

— Deixa-me adivinhar — diz o sujeito ao meu lado, a rir-se —, para tentares telefonar à polícia e perceberes que fecham às oito da noite por estas bandas.

— Às oito da noite? — ênfato, genuinamente espantada. — Isso é legal, sequer? — A opinião que tenho deste lugar não cessa de conhecer novos mínimos.

— Sim. O xerife Murray não trabalha até muito tarde — explica o tipo que me foi buscar e me agarrou. — Quanto tempo disseste que ias cá ficar? — acrescenta em tom sedutor.

Cerro os lábios e passo os dedos pela bainha da camisola enquanto o meu cérebro trabalha incessantemente. Não estou certa de que seja boa ideia dizer quanto tempo vou ficar por aqui.

O louro sensual sentado diante de mim parece perceber o desconforto que sinto pela minha expressão.

— O meu nome é John. E o teu? — pergunta com um sorriso encantador que acalma um pouco as minhas suspeitas.

O Callum não vai encontrar-me aqui. Ele julga que morri e, nas localidades pequenas, não existem câmaras de videovigilância, ao contrário do que acontece nas grandes cidades. Acalmo as minhas ideias. Mas uma mentirinha para me ajudar a permanecer escondida não fará mal, pois não?

— Chamo-me Briar — respondo timidamente, mantendo a fachada de menina querida. Não é que seja totalmente mentira. Há meses que respondo pelo nome de Briar. A Chloe Thornton morreu, e está morta há muito tempo.

— É um bonito nome — elogia o John com o mesmo sorriso maroto que já começa a seduzir-me. Os seus olhos são de um azul profundo que seria capaz de me arrebatar. De todos, ele é aquele que seria capaz de me partir o coração.

— Eu sou o Gale. E estes são o Taylor e o Bensen. — O Taylor é o que insiste em chamar-me beleza, e dirige-me um novo sorriso quando olho para ele. O Gale agita-se no seu lugar diante de mim. É o único que parece um pouco desconfortável por eu estar na companhia deles.

— Pareces o tipo de rapariga que gosta de se divertir — observa o John, falando de novo ao mesmo tempo que apoia os cotovelos sobre a mesa e o queixo sobre os punhos fechados. Morde o lábio inferior sugestivamente. É o mais atraente do grupo, e é garantido que está à procura de um engate. Sinto um calor entre as coxas e mexo os pés.

Um pouco de confusão pode ser a única coisa capaz de me fazer sobreviver ao tempo que passar em Bane Falls.

— Hum, pois, acho que sim. Só que costumo divertir-me na cidade. Não no campo — respondo. — O que fazem para se divertirem por aqui? Dão gorjetas às vacas? — O meu tom é carregado de sarcasmo, mas estou verdadeiramente curiosa para saber que raio fazem por estas bandas.

— Oh, uma menina da cidade — intervém o Taylor, dando-me um leve encontrão do lado esquerdo. Solto uma gargalhada constrangida. — Achas mesmo que damos gorjetas a vacas?

— É o meu melhor palpite — admito, sorrindo e encolhendo os ombros.

— Bem, um jantar tardio costuma ser divertido o suficiente por estas bandas. Se quiseses, podes passar o resto da noite connosco enquanto esperas que o carro deixe a tua casa — sugere o Bensen, deixando cair o braço que apoiava no rebordo do banco sobre os meus ombros. A sua mão é tão calorosa como o seu sorriso. Tem uns olhos castanhos muito doces e o cabelo curto da mesma cor.

Cerro os dedos sobre a minha caneca e bebo um longo gole antes de olhar para eles.

— Sou capaz de aceitar a oferta — respondo.

A empregada reaparece pela porta de batente que dá para a cozinha e aproxima-se de nós com mais quatro canecas. Olha-me de novo de cima a baixo e franze a testa.

— Vocês conhecem-na? — pergunta com voz fria e distante, como se me quisesse fora do restaurante neste preciso momento.

O Taylor sorri e encolhe os ombros.

— É a nossa nova *amiga*, e está de visita vinda da cidade — responde, acariciando-me o joelho com um dedo. As minhas coxas roçam uma na outra antes que me possa impedir conscientemente. Ele dá por isso e deixa escapar um risinho.

Vá lá, Briar, não precisas que desconhecidos te arranjem já confusão aqui.

A empregada, que se chama Lana, segundo o crachá com o seu nome, olha-o por entre as pálpebras semicerradas enquanto

distribui as canecas, enchendo-as lentamente com café antes de deixar uma ementa em cima da mesa. Os seus olhos demoram-se mais algum tempo na figura do John.

— Só não me arranjem problemas esta noite, pode ser? — murmura de modo rígido antes de votar para a cozinha. Pronto, isso valida a minha suspeita de que eles constituem uma ameaça.

— Ela é simpática — murmuro, pousando o olhar na ementa do outro lado da mesa. O meu estômago solta um ronco e todos olham para mim antes de se rirem à gargalhada.

— Sim, não costuma ser tão resmungona — concorda o Gale, empurrando a ementa na minha direção. Pego nela e leio o que tem para oferecer. Tem apenas pratos de pequeno-almoço, pelo que me contento com panquecas. A nostalgia que transmitem faz com que me sinta um pouco mais em casa. — Ela não costuma fazer o turno da noite. Costuma ser a colega dela.

— Pois, e também não gosta de turistas — acrescenta o Bensen.

Volto a minha atenção para o John, que olha para o balcão que a Lana limpa com um pano húmido. *Devem andar um com o outro.* Faço beicinho em pensamento. Se há coisa de que não preciso neste momento é de drama. O John está fora de hipótese, caso eu queira comer aqui mais vezes. O restaurante fica perto da herdade e é possível que eu venha a ser uma visita regular, se a comida for decente.

O Bensen tira-me a ementa e entrega-a ao John.

— Então, tens família por aqui ou algo do género? — pergunta o Bensen, sorvendo um gole do seu café. O cheiro acre é reconfortante. Baixo a guarda por um instante; estes tipos não parecem perversos. Pelo menos, não segundo a minha definição da palavra.

Perverso é o Callum.

— Sim. Isto é, tinha. O meu tio faleceu recentemente, pelo que estou aqui apenas para tratar do seu património — respondo sem tirar os olhos da caneca que tenho entre as mãos, percebendo o silêncio que se instala ao meu redor.

Todos a gente se cala sempre que se fala em morte. É algo que compreendo, mas ao mesmo tempo, não. Convivi com ela toda a vida e, a dada altura, uma pessoa torna-se insensível. Sinto que fico sempre atenta às reações dos outros e que tento integrar-me, pondo uma expressão a condizer com as dos demais.

— Na verdade, não nos conhecíamos, por isso... — acrescento sem graça.

Estou habituada a que me considerem má ou esquisita por não sentir nada em relação ao facto de não ter família. Mas não conheci outra realidade.

— Lamento, Briar. Isso é uma porcaria — diz o Taylor em voz baixa, ao que se segue outro instante de silêncio.

— O que vais pedir? — pergunta o John depois de aclarar as garganta. — Queres descontrair connosco depois disto, até de manhã? Temos um lugarzinho muito agradável para relaxar nos arredores da vila.

— Prefiro não ser assassinada na minha primeira noite aqui — respondo, forçando um sorriso.

O Gale solta uma gargalhada e leva uma mão ao peito.

— Essa doeu. Achas que somos desses? — pergunta, dirigindo-me um sorriso que me provoca borboletas no estômago. Conquistar o mais frio do grupo é sempre um bom começo.

— Todo o cuidado é pouco — continuo, muito corada. Eles sabem como são atraentes. Ficaria mais descansada se tivesse rede e pudesse enviar fotografias das suas identificações a uma amiga, mas é melhor jogar pelo seguro esta noite.

— Rapariga inteligente — diz o Taylor, a rir-se, fazendo sinal à Lana de que estamos prontos para pedir. — Mas temos *wi-fi* em nossa casa, se precisares de dizer a alguém que estás bem.

Os meus olhos iluminam-se.

— Sim. Na verdade, preciso de ver o meu e-mail.

É provável que o Dr. Holland já me tenha enviado alguns documentos para assinar, e prometi que o avisaria quando chegasse à vila. Uma vez que não tenho rede e duvido que o meu tio tivesse

*wi-fi*, esta pode ser a única oportunidade de dizer que cheguei que terei esta semana.

— *E-mail*? — pergunta o John em tom sarcástico. — Céus, preocupas-te mais com o teu trabalho do que com a tua família?

A minha expressão torna-se sombria. Formidável, aí vem a conversa constrangedora. Enfim, mais vale que doa tudo de uma vez.

— Já não tenho família... Morreram todos.

Eles ficam rígidos e trocam olhares sombrios entre si.

— Porra, desculpa — diz o John, passando a mão pelo pescoço e dirigindo-me um olhar pesaroso.

— Não tinham como saber — respondo, abanando a cabeça. — Seja como for, sempre vivi mais ou menos sozinha. — A minha tentativa de esboçar um sorriso alegre deve ter sido uma bela merda, porque eles parecem ainda mais abatidos.

A empregada volta no momento perfeito, cortando a onda negativa que nos envolvera, e todos fazemos os nossos pedidos. Decido não pedir as panquecas, como costumava fazer com o meu pai, optando por pedir *waffles* em seu lugar.

Estar na companhia destes rapazes faz-me esquecer por um instante que a minha vida não presta para nada.

O Gale e o Taylor partilham histórias sobre as suas motas e a manutenção que fizeram durante o verão. Parece que trabalham todos na mesma oficina da vila.

— Nunca andei de mota — admito enquanto como os *waffles*.

— Achas que algum de nós pensou que uma rapariga como tu teria andado? — responde o Taylor, contendo uma gargalhada.

Dirijo um olhar fulminante ao Taylor e o Gale levanta a sobrançelha para mim de modo desafiador.

— É verdade, Briar. Tens ar de o teu lugar ser numa livraria, com uma chávena de chá.

— E qual é o problema disso? — replico, metendo mais um pedaço de *waffle* na boca. Eles riem-se entre dentes e provocam-me mais. Claro que não sou uma dessas miúdas duronas que andam

de mota, mas isso não significa que não possa tentar. Aperto os lábios de irritação.

O John e o Bensen são os rapazes do grupo que têm carro. Sorrio ao saber que todos partilham a obsessão por veículos motorizados, especialmente se forem rápidos. Sempre considerei que o rugido de um motor representa um nível diferente de sensualidade. O trepidar que se sente ao pisar a fundo o pedal é eufórico.

— Muito bem, vais comigo e podes ficar em nossa casa até de manhã, se quiseres — diz o John, piscando-me o olho. O meu coração parece esvoaçar ao ouvi-lo, mas depressa me contenho e atrevo-me a dirigir um olhar à Lana. Ela limpa furiosamente as mesas do outro lado do restaurante, mas o John não fez qualquer tentativa de falar baixo, pelo que tenho a certeza de que ela o ouviu. Talvez não andem um com um outro, mas passem um bom tempo juntos de vez em quando.

— Parece-me bem — respondo animadamente, entusiasmada com as possibilidades que esta noite oferece. Olho para o relógio do telemóvel e vejo que já são duas da manhã. A Lana recebeu o nosso pagamento há uma hora e já nos dirigiu olhares mortíferos pelo menos quatro vezes.

O Bensen agarra-me pela cintura e faz-me cócegas. *Céus, adoro os que passam rapidamente às cócegas.*

— De certeza que não queres vir antes comigo, Briar? — pergunta.

Rio e aconchego-me nos braços do Bensen quando se ouve a campainha por cima da porta. Os quatro homens ficam imóveis e a atmosfera muda rapidamente.

— Porra — sussurra o Taylor, dirigindo-me um olhar hesitante, como se eu não devesse estar aqui.

— Que se passa? — pergunto, endireitando-me.

— Não digas nada. Deixa que sejamos nós a falar — diz o John rapidamente. As suas expressões de desconforto e os seus modos deixam-me alerta.

Os meus olhos voltam-se para a porta, fixando-se num homem totalmente vestido com roupas de motociclista pretas. Tem o capacete na mão direita e uma máscara de tecido cobre-lhe a cabeça, revelando apenas os seus olhos brilhantes cor de avelã.

Mas é evidente que está bastante irritado.

E está a olhar diretamente para *mim*.

Quem é ele? Ainda não lhe vi o rosto, mas sei que é ele que espero que dê em cima de mim este outono. Caraças, as máscaras são uma das minhas taras.

Avança numa fúria até nós, batendo com o capacete na mesa com tanta força que faz saltar alguns garfos dos pratos. Estende a mão e arranca a máscara, revelando um queixo anguloso, um nariz direito e umas maçãs do rosto magníficas. Tem o cabelo negro des-penteado e um olhar selvagem. Engulo em seco.

— Que raio estão vocês a fazer? — pergunta secamente. Tem uma voz adorável, sombria e suave, transmitindo a sensação de ser alguém que mantém sempre o mais absoluto controlo. Ele é completamente aterrador. Mexo-me, inquieta, e cerro os punhos sobre o colo.

— Oh, olá, Roman — tartamudeia o Taylor. — Viemos só comer qualquer coisa e encontrámos a Briar — continua, fazendo parecer que não sou uma completa estranha que ele forçou a juntar-se ao grupo.

O Roman semicerra os olhos como se nunca tivesse visto nada que desprezasse mais do que eu. Olho para ele e estremeço perante a hostilidade evidente que encontro no seu olhar. Que raio de problema é o dele? Nunca vi este homem na minha vida e ele quer ser um idiota?

— Vai-te embora — ordena secamente, pousando as mãos abertas em cima da mesa e inclinando-se mais para mim. Nunca vi um olhar tão penetrante como o dele. Tudo neste tipo é um alerta para o perigo que ele representa. Encolho-me interiormente e encosto-me um pouco mais ao Bensen de modo inconsciente.

O Gale solta um suspiro irritado.

— Oh, vá lá, Roman. Isso não é justo. Ela não fez nada de errado.

— Trato de ti depois — avisa o Roman, voltando a cabeça na direção do Gale. — Não quero ouvir nem mais uma palavra da tua maldita boca. Da boca de qualquer um de vós. — Eles ficam todos em silêncio e o Taylor desliza em silêncio para fora do banco para me deixar sair.

Deixo o meu lugar de modo hesitante, tomando coragem para encarar o Roman.

Valha-me Deus, o homem é absurdamente lindo. Tem na face esquerda o que pode ser uma tatuagem vermelha ou uma cicatriz, porque não consigo distinguir, com o numeral romano vi logo abaixo do canto exterior do olho. Uma longa cicatriz atravessa-lhe a testa, parecendo quase arame farpado, e tem uma cicatriz considerável no contorno dos lábios. Meu Deus, pelo que terá ele passado? Ainda tem uma expressão de desprezo estampada no rosto quando rosna para mim:

— Mete-te no teu carro merdoso e sai de Bane Falls.

Carro merdoso? Matei-me a trabalhar só para pôr gasolina naquela coisa. *O descaramento deste homem*. Retiro tudo o que pensei dele antes. Ele não é nada uma brasa.

— Desculpa? Saio de Bane Falls? Quem raio julgas tu que és para me dizer o que fazer? Vou ficar aqui pelo menos uns meses, pelo que é melhor habituares-te a ver a minha cara, *Roman* — respondendo, cruzando os braços e enfrentando o seu olhar com uma careta.

Ele sorri de divertimento cruel. Os músculos do rosto do Bensen ficam tensos de inquietação.

— Uns meses? — O Roman solta uma gargalhada maníaca. — Não, vais voltar para a cidade de onde vieste agora mesmo.

A lata dele, para pensar que me pode dizer o que fazer, faz a raiva correr-me nas veias.

— Não és o dono desta maldita vila, seu idiota — grito, passando por ele numa fúria em direção à porta do restaurante. Estou certa de que o carro que estava diante da herdade do meu tio já se

terá ido embora, pelo que vou voltar para lá e esquecer que isto aconteceu. É demasiado tarde para lidar com um psicopata sensual e tatuado. O que diz o ditado? Que nada de bom acontece depois da meia-noite?

Um arquejo arranca-me o ar dos pulmões quando alguém me agarra o capuz e me puxa para trás, quase me sufocando.

O Roman volta-me para si e põe a cabeça ao nível da minha, dizendo com voz grave:

— Se sabes o que é melhor para ti, vais-te embora esta noite.

As lágrimas picam-me os olhos e tenho de fazer um esforço para que as palavras saiam da minha boca.

— Não posso simplesmente ir-me embora — confesso. — Não tenho mais nenhum lugar para onde ir.

Detesto chorar quando me sinto frustrada. Isso tem sempre o efeito de fazer com que me sinta muito estúpida. É como se tivesse na garganta uma pedra da qual não me consigo livrar.

Ele dirige-me um olhar que transmite que se está nas tintas minha situação habitacional.

— Ora, isso é que é uma verdadeira pena — diz em tom mordaz. — Não preciso de uma galdéria de volta dos meus rapazes.

*Ena.* Está bem, rei dos idiotas.

O Roman arrasta-me por um braço até à porta da frente e obriga-me a descer os três degraus. Mal consigo equilibrar-me e cambaleio um bocado sobre o passeio antes de conseguir voltar-me e cravar nele um olhar furioso. Um olhar que ele devolve.

— É bom que te veja voltar à esquerda para a autoestrada, para saíres daqui.

Não sei se é do café, de estar tão cansada, ou do quanto odeio este sacana indelicado, mas dirijo-lhe um sorriso presunçoso enquanto lhe mostro o dedo do meio.

— Não vou sair da vila, seu saloio cretino — respondo. Sinto as faces a arder e a voz a quebrar, mas nunca tive tanta certeza das minhas palavras, e de como quero que tenham o efeito de balas a atravessarem o seu cérebro obtuso.

Os meus olhos desviam-se um instante para a janela do restaurante, onde os outros quatro ainda continuam sentados. Todos encostados ao vidro com expressões mortificadas. O meu coração bate de forma errática, e volto rapidamente o olhar para o Roman.

Ele estala os dedos e inclina a cabeça como se combatesse a vontade de me fazer mal. Não se ri do meu insulto, a que não acha a mais pequena graça. Para ser totalmente sincera, ele assusta-me um pouco. É um homem aterrador.

— Não é negociável. Não me obrigues a *pregar-te um susto* para que te vás embora.

Ponho uma expressão de escárnio. Oh, então ele quer jogar este jogo, é isso?

O Callum tentou assassinar-me. Agora sou impenetrável, porra.

— Meu, já encontrei homens muito mais assustadores. Acredita quando te digo que não és *nada* quando comparado com eles.

O Roman arregala os olhos como se estivesse ofendido por eu não pensar que ele é o maior e mais temido fantasma desta vila-fantasma.

Volto-lhe as costas sem mais uma palavra e dirijo-me para o meu carro. No momento em que abro a porta, ele lança as mãos contra o metal, fechando a porta com estrondo e encostando-me à janela, colocando as mãos de ambos os lados do meu corpo. O meu coração acelera e a adrenalina percorre-me as veias.

Há uma sombra nos seus olhos quando me dirige um sorriso sinistro.

— Não encontrei, não. Nem nos teus pesadelos mais sombrios encontrei um homem como eu — contrapõe. Prende-me o peito contra o carro, pressionando as minhas costas com o calor do seu tronco. Cada uma das suas palavras soa quente ao meu ouvido, provocando-me arrepios nos braços.

Quem raio é este gajo? Cerro os dentes e combato a vontade de gritar por socorro. *Não*, censuro-me. Se fui capaz de sobreviver ao Callum naquela noite, sou capaz de sobreviver ao Roman.

Aprendi que não devia confiar nos outros quando tinha 10 anos. Ninguém virá em meu auxílio. Nunca vem ninguém

— Ouve, vou voltar para minha casa, tomar um banho e deitar-me. Não vou causar qualquer problema, e nem sequer quero estar aqui. Por isso, podes fazer o favor de me deixar em paz? Os teus amigos foram simpáticos. Não sei qual é o teu problema, mas não vou fazer o que te apetece só porque achas que tens uma pila grande que podes andar a exhibir por aí. — Ele tem sorte por eu não dizer muito mais.

Ele solta um longo suspiro que desliza pelo meu pescoço.

— Vais mesmo obrigar-me a fazer isto, não vais? — pergunta. O ar quente da noite não consegue afastar a frieza do seu tom.

— Obrigar-te a fazer o quê? Não estou a obrigar-te a fazer nada. Queres fazer o favor de te afastares, porra? — atiro, empurrando o meu traseiro contra a sua zona pélvica e obrigando-o a dar alguns passos atrás.

Ele solta uma gargalhada e arranca-me as chaves do carro da mão. Sinto um fluxo de raiva incendiar-me as veias, e o meu coração martela-me os ouvidos.

— O que estás a fazer? Devolva-me as chaves! — grito, tateando os bolsos em busca do meu telemóvel, apenas para perceber que ele também mo tirou. Não que tivesse ajudado, uma vez que não tenho rede, mas continuo a precisar dele.

As portas do restaurante abrem-se e os outros quatro homens saem para a rua. O Taylor é o primeiro a falar.

— Vá lá, deixa-a em paz. Ela não está a fazer nada, e a culpa é minha... — começa numa voz cheia de preocupação, o que não me faz sentir melhor quanto à minha situação. — Fui eu que a convenci a sentar-se connosco.

O John tenta tirar as chaves ao Roman, mas o idiota empurra-o para trás com força.

— Tudo isto é culpa vossa. O que quer que lhe aconteça, será por vossa culpa. — A voz do Roman soa carregada de uma malícia fria. — Disse-vos que só se aproximaria de nós quem eu aprovasse,

especialmente depois da última vez. — As expressões dos outros quatro fecham-se e eles parecem quase culpados.

*O que quer que me aconteça é culpa deles? Que raio quer isso dizer?*

Os quatro mantêm-se calados e dirigem-me olhares que não auguram nada de bom. O Roman está prestes a voltar-se, mas eu não espero. Desato a correr.

— Raios partam, fiquem aqui e certifiquem-se de que a empregada não faz nenhuma estupidez — grita o Roman, correndo atrás de mim.

Escorrego algumas vezes na gravilha que delimita o parque de estacionamento, mas depressa chego a um campo de erva seca. Não é muito largo e consigo ver o que parece ser um terreno de alguém do outro lado. Os passos do Roman aproximam-se, o que tem o efeito de tornar a minha respiração mais difícil.

O campo conduz a uma cerca de madeira. Salto facilmente a estrutura de um metro de altura, dando graças a Deus por ter continuado a praticar atletismo na faculdade antes de desistir dos estudos, e dou por mim num cemitério antigo. Sinto a garganta em chamas e tenho dificuldades em ver com clareza. Está demasiado escuro, com as árvores imponentes a taparem o luar.

Tento atravessar o cemitério o mais depressa que consigo, mas tropeço numa pequena lápide partida. As minhas mãos e joelhos absorvem o impacto da queda, provocando-me dores agudas nas palmas das mãos e nas pernas. Não tenho tempo para me levantar antes de o Roman cair sobre mim. Um grito escapa-se da minha garganta quando ele me prende os pulsos contra a erva húmida e a lama.

Encaro os seus olhos sem alma, sabendo que, seja o que for que está prestes a fazer, nada o impedirá. Não se preocupa comigo, nem consigo, nem com nada. Não é preciso conhecer alguém intimamente para saber que essa pessoa alberga demónios no seu íntimo.

Se não tivesse sobrevivido à pior noite da minha vida com o Callum, talvez estivesse paralisada de medo, mas uma parte sombria de mim quer ceder. Deixá-lo acabar comigo como se eu não

passasse de restos de comida. Há algo de perverso na descarga de adrenalina que me excita.

O Roman semicerra os olhos quando os meus braços ficam moles, a minha respiração abrande e o meu olhar o desafia a que faça o pior.

— És tão patética — rosna, baixando a cabeça e passando a língua por um dos lados do meu pescoço. Sinto a espinha percorrida por arrepios e sou tomada pela sensação de me afundar. Ele coloca mais peso sobre os meus pulsos presos e empurra-os ainda mais de encontro ao chão. O cheiro a terra e a erva molhada invade-me os sentidos, transportando-me instantaneamente de volta à noite em que o Callum me tentou assassinar.

É estranho como algo tão simples como um cheiro familiar nos pode afetar. Levar-nos de volta a um momento no tempo que ainda vive na parte mais sombria da nossa alma, preso no túmulo das memórias, onde apenas pessoas terríveis ainda se mexem ocasionalmente. Sinto um terror apoderar-se do meu peito.

— Porque é que me fizeste isso? — grito, esquecendo-me de que é o Roman quem me prende contra a lama.

Pensava ter superado o trauma, mas é evidente que não é assim. É algo que ainda me atormenta. Tudo o que consigo ver é o Callum e a mesma ausência de alma por trás daqueles olhos.

Pestanejo algumas vezes e percebo que é o Roman que olha para mim, não o Callum. O Roman ergue uma sobrancelha, dando a sensação de tentar perceber o que se passa na minha cabeça. O seu odor envolve-me como névoa numa manhã fria, afastando o cheiro de ser enterrada viva.

Ele abrande o aperto nos meus pulsos e eu estendo os braços para ele assim que o faz, envolvendo o seu pescoço e agarrando-me a ele como se me tivesse ajudado a sair da terra solta naquela noite. O Roman fica mortalmente imóvel, amparando-nos com as palmas das mãos sobre a terra.

Este homem bonito e cruel cheira a óleo de motor e a madeira de teca. É alguém que toma banho com frequência, mas que está

sempre a mexer em motores. É um cheiro adorável. Melhor do que a morte. É o cheiro mais maravilhoso que já senti.

Após um instante de lucidez, percebo que estou a abraçar alguém que acabou de me perseguir num cemitério.

Arquejo e solto-o rapidamente. O Roman permanece imóvel, mas com os olhos fixos nos meus.

— Oh, agora queres ser a menina querida que dá abraços? O problema é que não me parece que te vás embora a menos que te obrigue. Não é verdade?

Engulo o meu orgulho. Não sei o que lhe devo dizer.

— Eu vou-me embora, prometo. Deixo a vila assim que tiver tratado da propriedade do meu tio.

Vejo o rosto do demónio sorrir amplamente para mim, um sorriso que nem se aproxima dos seus olhos.

— Não, minha querida, vais-te embora esta noite.

Ele senta-se, usando as coxas para me prender os pulsos de ambos os lados do meu corpo. Desaperta o cinto e tira-o das calças... espero que para me amarrar, caraças. Porque isso é melhor do que a outra ideia que me passa pela cabeça.

*Valha-me Deus.* Mas que raio se passa em Bane Falls?

## «DEIXARIAS UM MONSTRO COMO EU ASSUSTAR-TE, BRIAR?»

Briar Thornton passou meses a fugir ao seu passado, mas, quando chega à vila de Bane Falls para tratar da propriedade do seu falecido tio, o que encontra é um pesadelo: um homem muito mais perigoso do que aquele que a tentou matar.

Roman Syxx é uma arma, um membro das Dark Forces programado para destruir qualquer pessoa que se intrometa no seu caminho. Como tenente do Esquadrão Icarus, está em Bane Falls para cumprir ordens: infiltrar-se, eliminar, desaparecer. Mas a desconhecida que aparece na vila sem aviso prévio ameaça fazê-lo perder o controlo como um inimigo nunca seria capaz de fazer.

Unidos pelos seus traumas, Briar e Roman conseguem quebrar as defesas um do outro até que o amor pareça tão letal como a guerra. Porém, quando surge uma ligação entre o passado de Briar e a missão de Roman, a liberdade parece ter um preço demasiado elevado a pagar.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@topseller\_editora  
f topseller.ed  
penguinlivros

ISBN: 978-989-596-210-5



9 789895 962105